

A Revolução Sandinista e a Teologia da Libertação

Sandro Ramon Ferreira da Silva

Em seu livro *Era dos Extremos* Eric Hobsbawm afirma que tanto as esquerdas como as direitas de todo o mundo foram surpreendidas com o surgimento de um novo e inesperado aliado para revolucionários da América Latina na década 1970: a Igreja Católica. Muitos padres e leigos ligados à Igreja foram influenciados por uma nova forma de ver e ser Igreja no mundo contemporâneo: era a Teologia da Libertação¹. Afastando-se da mentalidade mais conservadora que havia marcado a História da instituição, também nesse continente, passaram a lutar, antes de tudo, pela causa dos homens pobres da América Latina. Hobsbawm chega dizer que “ouviu o próprio Fidel Castro, num de seus grandes monólogos em Havana, manifestar seu espanto com esse fato, ao exortar seus seguidores a acolher os surpreendentes novos aliados.”².

Partindo dessas primeiras informações decidi investigar qual teria sido a real importância desses religiosos ligados à Teologia da Libertação no surgimento dos processos revolucionários que estouraram em todo o continente após a Revolução Cubana de 1959.

O caso da Revolução Sandinista da Nicarágua, de 1979, pareceu-me o mais emblemático desses processos; pela grande participação dos padres da chamada Igreja popular. As pesquisas realizadas até agora permitiram-me analisar – embora de forma ainda inicial – a evolução do pensamento católico na América Latina e as relações entre a Igreja e o Estado na Nicarágua nos anos que antecederam à Revolução e durante o governo revolucionário; o papel dos padres progressistas na formação ideológica do novo regime; a polarização da Igreja naquele país e; por fim, a resposta conservadora da Sé Romana em relação à Teologia da Libertação.

A vitória de Fidel Castro e Che Guevara havia lançado um novo ânimo sobre as esquerdas latino-americanas, que passaram a viver sob o mito da revolução³ e do foco⁴. A idéia de transformar a História do continente e de suas nações através da luta armada viria a empolgar jovens estudantes, operários, camponeses, profissionais liberais, militares e vários outros setores das sociedades latinas nos anos que se seguiriam. Formaram-se

diversos grupos de orientação marxista como o Sendero Luminoso, do Peru; diversos movimentos no Brasil como a ALN, FLN, MR-8, e tantos outros; as Farcs, da Colômbia; a FSLN, da Nicarágua; o MNR, da Bolívia; e a FMLN, de El Salvador; entre tantos outros.

A Igreja – não como um bloco homogêneo, é lógico, mas em diversos setores – também passou a olhar de forma muito mais crítica para a realidade social do mundo latino-americano. Por volta da década de 1960, a partir da sua experiência com o povo mais pobre dos grandes centros urbanos ou das comunidades camponesas, muitos padres, de diversas congregações, começaram a questionar a sua praxis cristã e a refletir sobre as contradições que aquelas sociedades apresentavam para o Evangelho.

Vários teólogos como Gustavo Gutierrez e Juan Luis Segundo organizaram encontros para refletir acerca das relações entre fé e justiça social, Evangelho e pobreza. Animados pelas encíclicas do Papa João XXIII *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963); ambas de forte conteúdo social. Apenas como exemplo, pode-se citar os encontros de Petrópolis (1964) e de Havana e Bogotá (1965). Além disso, ocorreram vários outros s em preparação para Medellín.

Em março de 1970, realizou-se o primeiro congresso sobre uma Teologia da Libertação, em Bogotá. No ano seguinte, Gustavo Gutierrez escreveu um livro considerado inaugural, intitulado *Teologia da Libertação, Perspectivas*. No Brasil, Leonardo Boff escrevia um artigo denominado “Cristo Libertador”.

No encontro de Medellín, organizado pela CELAM - Conferência Episcopal Latino-Americana - a Igreja fez sua “opção preferencial pelos pobres”⁵. Desde essa época, a parte mais progressista do clero católico procurou encontrar um caminho teológico que auxiliasse na transformação desse continente empobrecido; onde a fé não poderia mais estar desgarrada da realidade sócio-econômica do homem latino-americano.

Os teólogos progressistas passaram a se utilizar de conceitos marxistas para analisar de forma “científica” a realidade política, econômica e social dos povos latino-americanos. Ao longo da década de 1970, tais proposições se espalharam por todo o continente. Vários teólogos, institutos e congregações ligados à Igreja como os Dominicanos, os Franciscanos

e os Jesuístas , se debruçaram sobre a Bíblia a partir de uma nova hermenêutica, visando extrair dos textos sagrados uma dimensão muito mais política do que espiritual. A saída dos hebreus do Egito era celebrada como uma intervenção divina para a libertação política daquele povo. Era o próprio Javé quem entrava na história dos homens para livrá-los da opressão dos poderosos. Da mesma forma, o *Magnificat*⁶ era extremamente festejado por manifestar que Deus era a favor dos pobres e contra os ricos na *luta de classes*⁷.

Nesse contexto de grande politização do clero católico, a própria missa passou a se designada por eles como *celebração do povo em luta*⁸ e os hinos litúrgicos eram utilizados para “conscientizar” o povo de sua condição de dominado. Como, por exemplo, o *Pai-nosso dos Mártires*:

“Pai-nosso, dos pobres marginalizados!
Pai-nosso, dos mártires, dos torturados!
Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida [...]
[...] Maldita toda violência que devora a vida pela opressão.
[...] Pai-nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos”⁹

É importante lembrar que nessas décadas vários países da América Latina viviam sob regimes ditatoriais de direita, como por exemplo, o Chile, o Uruguai, a Argentina e o próprio Brasil. Em países como o El Salvador, até mesmo a alta hierarquia da Igreja Católica passou a defender o posicionamento da Teologia da Libertação. Como foi o caso do bispo Oscar Romero, principal figura religiosa daquele país, morto enquanto celebrava uma missa. Os anticomunistas de El Salvador organizaram esquadrões da morte para perseguir os padres e freiras que trabalhavam com os pobres e eram adeptos dos ideais liberacionistas. Chegaram até a criar um lema: “Seja um patriota, mate um sacerdote”¹⁰.

A idéia da luta de classes atingiu toda a Igreja do continente. De um lado estavam os padres tradicionalistas que defendiam os regimes mais direitistas, ou pelo menos, uma não-politização da Igreja, que deveria ocupar-se apenas de questões espirituais. Do outro os progressistas, que em muitos lugares como na Nicarágua, encontravam-se dispostos a pegar em armas para derrubar regimes vistos como opressores.

Todo o ideário revolucionário produzido pelos teólogos progressistas atingiu em cheio a luta política que se processava na Nicarágua na década de 1970. Religiosos, congregações e movimentos sociais fundados pelos padres ligados à igreja popular, participaram ativamente da luta armada contra Somoza. Como confirma um documento de 7 de outubro de 1980, da própria Frente Sandinista de Libertação Nacional: “La especificidad de la Revolución Sandinista há sido la participacion activa y militante de los cristianos em los diversos campos de al lucha armad y civil [...]”¹¹

Desde os anos 1930 a Nicarágua era governada pela família Somoza, que sozinha detinha cerca de 40% de toda a riqueza nacional. Somoza filho possuía uma fortuna de 600 milhões de dólares. Mais do que a quinta parte das terras cultiváveis do país. Plantações de café, de cana-de-açúcar, as principais indústrias, empresas aéreas, de navegação, etc. O país havia se transformado em uma espécie de feudo da família.

Além do grande poder econômico os Somoza controlavam desde os anos trinta a poderosa Guarda Nacional – um exército que também realizava funções de polícia: repressão interna, alfândega, fronteiras, prisões, etc. –. Cada vez mais essa instituição via as suas atribuições aumentadas. E isso se dava porque através dela, os Somoza podiam controlar diretamente todos os seus interesses estatais e particulares no país. E em contra partida, os oficiais da Guarda eram amplamente beneficiados pela corrupção e pelo paternalismo de um Estado ineficiente. Pode-se dizer, com certeza, que o Estado, a Família Somoza e a Guarda Nacional, formavam um único corpo, que atendia aos interesses da família..

Desde o encontro de Medellín, em 1968, uma parte da Igreja da Nicarágua tomou claramente uma postura anti-somozista e favorável à Frente Sandinista de Libertação Nacional. Durante os anos de 1970 as idéias revolucionárias da Teologia da Libertação produzidas por Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo e os brasileiros Leonardo Boff, Frei Betto, e até mesmo Paulo Freire, entre outros, já eram bastante conhecidas e aceitas por

uma boa parte do clero e de institutos religiosos estabelecidos naquele país. A chamada Igreja popular já se fazia presente frente aos males sofridos pelo povo nicaraguense.

Um dos maiores expoentes dessa geração, foi o padre e poeta Ernesto Cardenal que, mais tarde, viria a se tornar Ministro da Cultura no governo revolucionário. Esse religioso, após o contato com a Teologia da Libertação e uma viagem à Cuba, onde segundo ele, viu “O Evangelho posto em prática”¹², passou a acreditar cada vez mais que a revolução seria a melhor saída para o seu povo. Após alguns contatos com os representantes da FSLN, passou a agir como porta voz dos guerrilheiros. Chegou a declarar: “[...] Sou marxista por Cristo e seu Evangelho. [...] Sou um marxista que crê em Deus, segue Cristo, e é revolucionário por causa de seu Reino”¹³. Posteriormente se referiria à revolução como “Sagrada”.

Como pude analisar, nos meses que antecederam ao conflito armado e a guerra civil no país, a palavra do magistério da Igreja foi crucial para criar um sentimento de unidade entre todas as facções político-ideológicas do país contra a ditadura do presidente Somoza.

“[...] A todos nos duelen y afectan los extremos de las insurrecciones revolucionarias, pero, no puede negarse su legitimación moral y jurídica [...]. El mal lo hacemos tanto más grave, cuanto mayor es nuestra pasividad e indiferencia. Eludir nuestras responsabilidades ciudadanas en esta hora constituye una grave falta de solidaridad humana y caridad cristiana. Es el momento de traducir en obras nuestra fe..”¹⁴

Após a vitória sobre o antigo regime, coube ao governo Sandinista todo um investimento em simbolismos e manifestações que dessem uma coesão social em torno de um novo projeto político-social para o país. Diante dos desafios daquela “nova Nicarágua”, foi elaborado um processo de invenção da tradição¹⁵, onde os padres progressistas ocupavam um lugar chave, e os símbolos da religiosidade popular passaram a ser utilizados como um grande arcabouço na elaboração de uma nova ideologia, dita revolucionária. Os padres Ernesto Cardenal, Fernando Cardenal e Miguel D’Escoto tornaram-se ministros de Estado. Ernesto foi nomeado Ministro da Cultura. Fernando liderou a Cruzada Nacional de Alfabetização e mais tarde tornou-se formador dos membros da Juventude Sandinista. Miguel ganhou a pasta do Ministério das Relações Exteriores; ou seja, aquele de deveria

representar o país diante da comunidade internacional. A educação, principalmente durante a Cruzada Nacional de Alfabetização, tornou-se uma grande ferramenta para reforçar os novos valores. Na fala de Fernando Cardenal “Libertadora, conscientizadora, politizadora e democrática”. Os educadores voluntários tinham o seguinte lema “Punho erguido, livro aberto”¹⁶. A primeira palavra da cartilha era “Revolução” e em determinada lição se lia “Che, guerrilheiro heróico”. Além disso um novo herói nacional foi criado: era o Padre Gaspar Garcia Laviana, morto durante a guerra civil contra a Guarda Nacional. Os Sandinistas chegaram ainda a propor que a Virgem Maria, comemorada no dia 8 de dezembro com o título de Nossa Senhora da Conceição – principal festa religiosa do país - , fosse chamada de “La Madre del Guerrillero”.

Embora a palavra da Igreja unida contra Somoza tenha ajudado a criar uma espécie de unidade nacional, a própria instituição não conseguiu permanecer coesa em torno dos mesmo objetivos na construção da nova ordem. A Igreja popular que participava do governo Sandinista, passou a rivalizar com a Igreja mais tradicional, liderada pelo bispo de Manágua, D. Ogando Y Bravo, que se aproximava mais das expectativas de uma nova ordem desejava pela burguesia nacional.

A Igreja nacional tornou-se extremamente polarizada. Naquele momento tanto a esquerda como a direita tentavam utilizar o discurso religioso para atacar os seus oponentes, como deixa claro a declaração do padre Miguel D’Escoto:

“[...] A reação se utiliza e manipula o cristianismo e a Igreja para desautorizar e atacar a revolução e apresentá-la como suspeita, comunista, atéia e perseguidora da fé e da Igreja. Assim confundem o povo religioso e simples, e assim arrasta a Igreja contra a nossa Revolução, coincidindo com os esforços da administração Reagan de desestabilizar-nos.”¹⁷

O climax de todo esse embate ocorreu durante a visita do Papa à Manágua, em março de 1983¹⁸. O pontífice encontrou uma Igreja local totalmente dilacerada por disputas políticas e quis transformar a sua viagem em um momento de reconciliação. Contudo, mais

uma vez, tanto a esquerda como a direita utilizaram aquele evento político-religioso para o proveito de sua causa.

Para o historiador espanhol Ricardo de la Cierva, a experiência do Pontífice em Manágua foi tão negativa que, a partir daí, o Papa deu início à Reação Vaticana, em que a Igreja Romana impôs uma posição mais conservadora aos padres e teólogos progressistas.

A partir daí, Roma editou uma série de documentos assinados pelo Cardeal Joseph Ratzinger – na época, Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina e da Fé –, onde chamava atenção para os graves “erros” da Teologia da Libertação. Os documentos criticavam duramente o que a Sé Romana considerava como uma excessiva politização do clero latino-americano, e ainda a possibilidade dos padres pegarem em armas em nome de uma justiça evangélica. Em todo o continente, todos os grandes líderes e teólogos ligados à Teologia da Libertação seriam de alguma forma afetados pela nova ordem que emanava do Vaticano.

Na Nicarágua, a direita apoiada pela Igreja conservadora e pela ação do governo norte-americano conseguiria derrotar os Sandinistas no final da década de 1980.

Notas:

¹ “[...] Movimento teológico e pastoral conhecido como teologia da libertação: num primeiro momento nos países da América Latina, marcados pela herança religiosa e cultural do cristianismo; em seguida, nas outras regiões do Terceiro Mundo, bem como em alguns ambientes dos países industrializados. [...] Designa primeiramente uma preocupação privilegiada, geradora de compromisso pela justiça, voltada para os pobres e vítimas da opressão” Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, In CNBB. Instruções Sobre a Teologia da Libertação: edição coordenada pela CNBB. São Paulo: Loyola, 1986, p. 12

² Eric Hobsbawm. Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 439

³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Instrução Sobre a Liberdade Cristã e a Libertação. São Paulo: Paulinas. 1986. p. 61.

⁴ ROLLEMBERG, Denise. “*Esquerdas revolucionárias e luta armada*”. In Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves (Orgs). *O Brasil republicano: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 60, vol. 4.

⁵ Documento da 2ª Conferência do Episcopado Latino em Medellín, Pobreza da Igreja, 14. 8

⁶ Lc 1, 46-55. Hino bíblico atribuído à Maria, a Mãe de Jesus, que diz: “[...] (Deus) derrubou dos tronos os poderosos e exaltou os humildes.”

⁷ Essa interpretação marxista que os progressistas fizeram do canto bíblico atribuído à Maria, a mãe de Jesus, aparece nos documentos oficiais da Santa Sé. Cf. Congregação Para a Doutrina da Fé. Op. Cit. p. 31.

⁸ Ibid. p. 26

⁹ Hino litúrgico de autor desconhecido.

¹⁰ Chasteen, John Charles. América Latina: Uma História de Sangue e Fogo. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Campus, 2001. p. 248.

¹¹ Conferência Episcopal da Nicarágua. MENSAJE-02-06-1979.html. pp. 3 e 4. Disponível em: <www.tmx.com.nit/~cen/documentos/1979> Acesso em: 30/07/2004

¹² Cabestrero, Teófilo. *Ministros de Deus, Ministros do Povo: Testemunho de Três Sacerdotes no Governo Revolucionário da Nicarágua*: Ernesto Cardenal, Miguel d'Escoto, Fernando Cardenal. Trad. Edyla Mangabeira Unger. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 33.

¹³ . Ibid. p. 38.

¹⁴ Conferência Episcopal da Nicarágua. MENSAJE 02-06-1979. Html. pp. 3 e 4. Disponível em: < [ww.tmx.com.ni/~cen/documentos/1979](http://www.tmx.com.ni/~cen/documentos/1979)> Acesso em: 30/07/2004.

¹⁵ HOBBSAWM, Eric; Ranger, Terence. *A Invenção das Tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, s/d,.

¹⁶ Nicarágua. *Aprender a Ler: Um Sonho Camponês*. Cadernos de Terceiro Mundo. Rio de Janeiro, ago. de 1980, nº 26, p. 29.

¹⁷ . Cabestrero, Teófilo. Op. Cit. p. 83

¹⁸ Sandinistas Tumultuam Homilia. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 de mar. de 1983, Primeiro Cadernos, p. 8.